

O CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS HISTÓRICAS DE PARÍS — (Agosto-Setembro de 1950) (1)

Durante uma semana, mais de mil historiadores, provenientes de mais de vinte nações, vão trabalhar em conjunto em Paris. Muitos dêles aproveitarão essa reunião para expor suas descobertas ou seus trabalhos; outros terão oportunidade de encontrar colegas com os quais desejavam manter relações de trabalho.

Essas grandes assembléias internacionais de especialistas estão atualmente em moda. Basta passar os olhos pela agenda das reuniões científicas, publicada pela UNESCO, para verificar-se como seu número tem aumentado nestes dois últimos anos; tanto que, atualmente, não há mês em que não se realize uma delas em algum país do mundo, tratando de um dos inumeráveis domínios do trabalho científico. Mas, examinando de mais perto, percebe-se que as diversas disciplinas não são igualmente favorecidas por êsse tipo moderno de atividade. É sobretudo no domínio das ciências exatas e naturais que a armadura internacional parece mais sólida. Efetivamente, há mais de dois séculos tôda pesquisa, tôda descoberta está ligada ao desenvolvimento das comunicações internacionais. A teoria da eletricidade é um bom exemplo: faz saltar de uma nação à outra o espírito de invenção, de Leyde a Paris, da América de Franklin à Europa de Volta, da Suécia de Oersted à Inglaterra do grande Faraday, etc. . . .

De igual modo, as academias científicas das diversas nações, pouco a pouco, constituíram-se em uma espécie de grande rede internacional. E, atualmente, um poderoso organismo, o I. C. S. U. (*International Commission of Scientific Unions*) assegura a coordenação entre todos os organismos científicos internacionais que se ocupam com a pesquisa, desde as matemáticas até a bio-geografia.

É necessário, entretanto, reconhecer que no domínio das ciências do homem (expressão pela qual se pretende indicar o reagrupamento de tôdas as disciplinas ligadas aos problemas econômicos, psicológicos ou históricos) estamos bem longe de ver realizada essa poderosa concentração. É certo que os trabalhadores das diversas nações bem conhecem a necessidade de estar ao par das produções estrangeiras. Mas nenhum esforço sistemático, nenhum organis-

(1) — Texto francês traduzido por E. Simões de Paula.

mo internacional conseguiu ainda sistematizar em larga escala, a pesquisa através de tôdas às fronteiras. Mesmo no século XIX, quando as ciências exatas já constituíam verdadeira rêde, os trabalhadores das ciências do homem não podiam contar senão com o renome internacional, que provém do talento literário.

Contudo, na própria França, a respeito de física ou de química, os trabalhos julgados subalternos e muitas vêzes esquecidos em obscuros arquivos das Universidades provinciais, podem ter uma importância considerável para o progresso das descobertas.

A História foi a primeira, nesse domínio pouco favorecido, a beneficiar-se com as grandes reuniões internacionais. Há mais ou menos meio século que os historiadores se reúnem todos os cinco anos em diversas capitais da Europa para se conhecerem e se organizarem. Notemos, aqui, que na organização dos grandes congressos históricos, o célebre historiador belga Henri Pirenne, teve uma participação pessoal e especialmente ativa.

Bruxelas, Atenas, Varsóvia, Zurique foram os locais das últimas assembléias. Foi em Atenas, em 1925, quando se projetaram êses congressos, que surgiu a idéia de constituir um organismo diretivo permanente: o CISH (*Comité International des Sciences Historiques*), regido por uma assembléia geral (composta por dois delegados de cada nação) e por uma junta eleita pela assembléia geral. O Comité dispunha de pequena receita, obtida pela cotização dos estados membros e de algumas subvenções. Tal receita permitiu ao CISH empreender publicações de interêsse geral, como seja uma bibliografia universal das ciências históricas.

Pode-se pensar que a atividade do CISH e dos Congressos não foi até o presente tão eficaz quanto seria de desejar-se. Os poucos freqüentadores, muitas vêzes mais empenhados em assegurar influências pessoais e agradáveis viagens que em realizar trabalho positivo, transformavam-se, e isso é bem humano, em grandes beneficiários da instituição. De fato, nenhum movimento histórico de vulto, nenhum processo importante do nosso equipamento científico nasceu nesses Congressos.

Uma das razões, parece, pelas quais os Congressos pouco produziam, era a impossibilidade em que se encontrava o CISH de estabelecer um regulamento severo para o trabalho das sessões. Anteriormente, de fato, quem quer que fôsse podia pedir a palavra para falar sôbre qualquer assunto. Acontecia, às vêzes, que se desencadeavam brilhantes controvérsias, tais como o diálogo Pirenne-Marc Bloch sôbre o desenvolvimento da economia medieval, mas na maioria dos casos, os congressistas se perdiam numa infinidade de pequenas comissões em que os debates, sem brilho, não podiam resistir sempre à atração das recepções, dos espetáculos e das excursões proporcionadas pelo Congresso ou das quais o Congresso era mero pretêxto.

A guerra de 1939-1945 evidentemente interrompeu os trabalhos do CISH e tornou impossíveis as suas reuniões. Esse modesto organismo foi vítima ainda das querelas internacionais. Com o restabelecimento da paz, os membros da Junta decidiram dar nova vida ao Comitê e pensaram mesmo em organizar um congresso em 1948: em certa ocasião pareceu oportuno relacionar esse congresso com a celebração européia do centenário dos acontecimentos de 1848. A situação política da Europa fez temer um reinício nessas condições e, apesar da reticência das novas democracias populares, foi escolhida a data de 1950.

Entrementes, um grande esforço de realização foi feito: as condições do trabalho internacional depois de dezembro de 1948 foram inteiramente novas. Era necessário levar em conta uma nova instituição: a UNESCO. Durante muitos meses, houve hesitações em relação às decisões a tomar; a UNESCO não demonstrava entusiasmo em reconhecer os antigos organismos internacionais e o CISH temia a perda de sua autonomia. À força de negociações contudo, a disposição isolacionista dos antigos membros do CISH foi vencida. Transformou-se enfim, em elemento essencial de um organismo novo, o CISP (Comité International de la Philosophie et des Sciences Humaines), agrupando a filosofia, a história, as letras clássicas, o folclore, etc... tudo que nos Estados Unidos se entende por *humanidades*. Sobre esse modelo constituiu-se, lentamente, um outro organismo, reunindo a sociologia, a economia política, as ciências políticas, tudo quanto nos Estados Unidos se entende por *ciências sociais*. Neste último domínio o trabalho era longo, pois que foi necessário começar pela constituição dos organismos de base para cada disciplina. Devemos esperar aliás que, quando esse trabalho estiver acabado, os dois agrupamentos, *humanidades* e *ciências sociais*, se fundirão para realizar enfim uma síntese tão poderosa quanto a da ICSU.

Vê-se hoje que o CISH faz parte de um conjunto muito vasto, a UNESCO, para tudo aquilo que concerne com as ciências históricas nas suas relações com as ciências do homem.

Nesse esforço geral de coordenação, um espírito novo se infiltrou, não sem luta, no nosso velho organismo internacional. É o espírito novo que vai revelar-se de duas maneiras no Congresso de Paris de 1950: primeiramente, os historiadores encontrarão aí alguns economistas, alguns sociólogos, especialistas em folclore, antropólogos, demógrafos, etc, o que lhes permitirá o aproveitamento de certos métodos dessas disciplinas vizinhas, para rejuvenescer os seus tipos de pesquisa, permitindo-lhes também, projetar seu esforço para além do círculo limitado de sua própria disciplina. Em segundo lugar, uma organização nova vai prevalecer nesse Congresso: parte dos trabalhos e das deliberações serão preparados antecipadamente.

Com efeito, como as sessões da tarde ficarão livres, como outra, e abertas às mais diversas comunicações, as reuniões da manhã serão divididas em secções (*história demográfica, história das idéias, história econômica, história social, história da civilização, história dos fatos políticos, história das instituições*) e, estas, distribuídas em sub-secções (*pré-história e antiguidade, idade média, época moderna, época contemporânea*).

À frente de cada secção e de cada sub-secção foi colocado um relator que, há um ano já, está encarregado de preparar os "mise au point" dos diferentes trabalhos efetuados em cada um desses domínios (uma trintena), em vias de publicação, constituindo um volume de 500 páginas mais ou menos. Esse volume, que será distribuído oportunamente aos membros do Congresso, dar-lhes-á oportunidade de tomar conhecimento das conclusões dos relatores, antes das sessões, de tal forma que possam dar sua opinião, perfeitamente informados sobre o assunto em foco. As deliberações das diferentes secções assim constituídas serão objetos de relatórios verbais a serem publicados após o Congresso. Esse segundo volume será igualmente distribuído aos membros do Congresso. Notamos aqui que o direito de inscrição ao Congresso, sendo somente de 1.000 francos, isto é, soma inferior ao custo dos dois volumes, não poderá o Congresso reunir-se sem grandes auxílios da UNESCO e do Governo francês (2).

Como habitualmente, as sessões de trabalho serão intercaladas de recepções oficiais, de espetáculos, etc. Após o encerramento do Congresso terão lugar excursões, à escolha dos congressistas, às mais belas regiões da França. À Companhia Cook competirá a organização material dessas excursões.

É necessário ressaltar que os organizadores, e principalmente o Prof. Fawtier (presidente da delegação francesa e encarregado, por isso, do Congresso de Paris) esperam que essa reunião internacional evidencie estarem os historiadores em condições de se medirem com os cultores das ciências chamadas exatas, pelo espírito de coordenação internacional.

Devéremos esperar muito pelo dia em que os homens se organizarão um pouco para se conhecerem mutuamente, afim de tirarem partido do poder que possuem sobre a natureza?

São Paulo, 7 de maio de 1950.

CHARLES MORAZÉ

Professor da Cadeira de Política (U.S.P.).

(2) — Toda a correspondência relativa ao Congresso deve ser endereçada a:
"M. FAWTIER — President du Comité Français des Sciences Historiques,
278, Bd. Raspail — Paris 14e".